

### **Transeunte Transitório<sup>1</sup> ? Caminhante Transitório? Quem Sou Eu Na 'Fila Do Pão'?**

**N**ão discuto a transitoriedade – estamos todos de passagem e a corrida da vida não me dá outra opção. Estou sempre em dívida. São muitas as demandas cotidianas. Preciso atender a vários 'deuses', e a mim mesma.

Nolasco-Silva e Soares (2015) afirmam que os cotidianos são o lócus de produção de saberes diversos e também de invenção da existência, aptos a experimentar com os praticantes da educação uma forma de fazer ciência que se faz na relação com sujeitos, objetos, intensidades, fragmentos, imagens, sensibilidades e memórias, que se transformam mutuamente no decorrer da caminhada; palcos que acolhem sujeitos singulares e coletivos, em trânsito – que são e que se tornam 'praticantes', ao tecerem e articularem redes de '*conhecimentossignificações*', que fabulam subjetividades e orientam, a partir delas, suas ações. Desse modo, "o cotidiano é um mundo que amamos, profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. (...) O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível", assevera Certeau (2012, p. 31).

Muitas vezes, não tão invisíveis!

O dia mal começou... e quanta coisa já fiz! São 13h. Estou a

---

<sup>1</sup> Expressão criada pelo mestrando Bruno Martins, na disciplina obrigatória de mestrado, Currículos e Cotidianos (2023). Para o autor, o termo 'transeuntes' refere-se aos sujeitos dos cotidianos. Já a palavra 'transitórios' vincula-se às "certezas incertas, mutantes e mutáveis" das ações desses sujeitos. Desse modo, um transeunte é um sujeito que migra de pensamentos, de opiniões e de certas 'certezas'. E essas mudanças são 'transitórias'. Logo, os sujeitos dos cotidianos são transitórios. Portanto, são 'transeuntes transitórios'.

caminho da Uerj. Preciso responder ao desafio lançado na disciplina 'Cotidianos e Currículos 2023'<sup>2</sup>, de fotografar algo que me desperte a atenção, no percurso casa-Universidade. Mas, como fazê-lo, se o carro saculeja mais do que 'velho na porta da Colombo'<sup>3</sup>, o calor escaldante não me deixa pensar, e pressinto que, sequer, vou conseguir chegar para o início da aula!

Sigo para o Portão 1 da Universidade, e eis que me deparo com a 'Feira Moda Mundi', mostra que teve início no dia 04 de novembro e se estendeu até o dia 14 de novembro de 2023.

Ao longo do caminho, barraquinhas enfileiradas expõem seus produtos: são vestidos estampados, blusas, saias calças compridas, acessórios, em geral. Vendedores, distraídos, conversam, ou consultam seus celulares, enquanto estudantes e funcionários, entre outros, seguem apressados e/ou distraídos (Figuras 1 e 2).

Figura 1- Visão geral do espaço  
uma barraquinha



Figura 2 - Tomada de



Fonte: acervo da autora

Evento que se repete, algumas vezes ao ano, essa feirinha é sempre um acontecimento que dá mais vida à Universidade. Ainda

---

<sup>2</sup> Disciplina obrigatória do Mestrado/2023, "Currículos e Cotidianos", sob a responsabilidade das professoras Rosemary dos Santos e Luciana Veloso. "Currículos e Cotidianos.

<sup>3</sup> "Sassaricando", composição de Luiz Antonio, Jota Júnior e Oldemar Magalhães, na voz de Virgínia Lane. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/marchinhas-de-carnaval/473888/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

que seu funcionamento tenha início ao final da tarde, já pela manhã podemos observar a movimentação dos montadores das barracas e a chegada dos expositores para organizar seus produtos na banca, sempre sorridentes e falantes.

Se esse cenário nos é tão familiar, por que retratá-lo? Alves (2008) nos lembra de que para apreendermos a 'realidade' da vida cotidiana, em quaisquer '*espaçotempos*', é preciso estar atentos a tudo o que nela passa, se acredita, se repete, se cria, se inova, ou não.

Mas, com tantas coisas acontecendo a um só, tempo, e cada vez mais rápido, abordar um espaço como uma experiência multidimensional, incorporando aspectos físicos, subjetivos, cognitivos e culturais, é cada vez mais raro em nossos cotidianos atribulados. Vivemos a modernidade líquida, marcada pela cultura do consumismo, da individualização e do imediatismo, que fragiliza os laços entre pessoas, e de pessoas com instituições, afirma Bauman (2000). No entanto, esses '*espaçotempos*', em seu dinamismo, possibilita-nos uma compreensão mais rica e holística do modo como interagimos com o(s) outro(s) e maior entendimento de nosso entorno.

Dado que o tempo não pára, busco me encontrar nessa 'fila do pão'. Como um caminhante que tem uma missão a cumprir, e não como um transeunte que se desloca, sem um objetivo ou propósito específico, proponho-me, então, a mergulhar com todos os sentidos nessa realidade, olhando, tocando, ouvido, sentido as diferentes expressões resultantes de inúmeras ações, que somente na aparência, são iguais ou repetitivas. Aproximo-me, então, de duas feirantes, muito simpáticas – Zezé e Paula (nomes fictícios) e, com elas, entabulo uma conversa (que é o que nós, professores mais gostamos de fazer).

Em cerca de 45 min de papo - regado a cafezinho e biscoitos, fico sabendo que as duas são mãe e filha, têm cerca de 60 e 40 anos, respectivamente, e moram no subúrbio da Leopoldina. Contam-me que trabalharam em uma fábrica de roupas, com carteira assinada, mas que perderam seus empregos, na pandemia. Ressaltam as condições de

precariedade e exclusão de direitos sociais, próprios da informalidade, já que não têm qualquer vínculo trabalhista formalizado, pois essas relações são pautadas em laços de familiaridade e redes de amizade.

Apesar do cansaço diário, apontam vivências positivas em suas atividades, destacando que trabalhar na UERJ é uma alegria, pois os jovens são muito legais e elas se sentem protegidas. Além disso, as relações entre os feirantes são baseadas na amizade, na confiança e na reciprocidade, ainda que a competição, também esteja presente na feirinha. Afirmam que as adversidades enfrentadas não são suficientes para desejarem abandonar essa ocupação, pois percebem a precariedade das condições de trabalho no contexto formal.

Essas narrativas apontam para experiências de trabalhadores que criam modos de vida e de trabalho próprios, encontrando possibilidades de criação e de (re)invenção singular e coletiva, de seu trabalho, ao interagirem com o outro, em meio ao tumulto e ao sabor do clima.

Conhecer essas pessoas e escutar suas histórias, contadas com certo orgulho, oportunizou-me exercitar a prática de pesquisa, tendo o outro como parte desse processo, na tessitura do conhecimento, pois como afirma Freire (2015, p. 54:

Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. [...] Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais (...) tem muito a ver comigo mesmo. [...] O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere[...].

Vale ressaltar que a curiosidade não é só minha. As 'meninas' também querem me conhecer um pouco: quem sou eu, o que faço na Uerj, o porquê daquela conversa, entre outros. É claro que me perco em minhas memórias, com destaque dado à chegada de Arthur, meu

bisneto que, em fevereiro completa dois anos.

Essa conversa poderia ir longe, mas já é tarde e, a partir das narrativas emergentes, preciso responder a algumas questões, fazer e refazer outras, para que minha escrita produza `sentidossignificados'. Desse modo, agradeço-lhes a acolhida, e me despeço com um forte abraço e um "até logo!"; claro, depois de comprar um `conjuntinho básico, pois "não sou de ferro".

Após a aula, já de volta pra casa, reencontro Saint-Exupéry<sup>4</sup>, que me lembra que "o essencial é invisível aos olhos".

Feliz, me pego num largo sorriso. Ganhei o dia!!!!

### **Referências:**

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, Inês. B.; Alves, Nilda (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alii, 2008, p. 15-38.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Zahar, 2000.

CERTEAU Michel de. *A invenção do cotidiano*. 2. Morar, cozinhar 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 50ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Conceição. Pesquisas nos/dos/com os cotidianos: como pensamos os projetos, os sujeitos e as experiências em educação. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, 2015, v. 3, nº 2, p. 176-188.

### **Sobre a autora:**

**Mirian Maia do Amaral** é Doutora e Mestre em Educação e Cultura Contemporânea com concentração em Tecnologia da Informação e da Comunicação, pela Universidade Estácio de Sá. Pós-doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Pesquisadora. Professora dos cursos de pós-graduação da

---

<sup>4</sup> Saint-Exupéry, autor da obra "O Pequeno Príncipe (1943), que li, pela primeira vez, na minha adolescência.

FGV/IDE/FGV *Management*, e consultora em Educação, em organizações públicas e privadas. Autora de livros, capítulos de livro e artigos diversos em sua área de especialização e afins.